

**33° Encontro Anual da Anpocs**  
**Gt 25 – Migrações Internacionais**

**A cultura em movimento e as noções de especificidades locais. Imigrantes  
japoneses e seus descendentes.**

**Autora: Érica Rosa Hatugai**

**Setembro 2009**

## **A cultura em movimento e as noções de especificidades locais. Imigrantes japoneses e seus descendentes.**

Érica Rosa Hatugai\*

[ehatugai@gmail.com](mailto:ehatugai@gmail.com)

### Resumo

Este artigo visa explanar as idéias locais de alteridade construídas sob percepções de identidade, diferença e hibridismo entre nipo-brasileiros no contexto de Araraquara. A partir da etnografia e da coleta de dados em um clube associativo nikkei, busco, desta forma, explorar e analisar as percepções locais sobre uma identidade nipo-brasileira e ou *japonesa* embasadas em elaborações sobre identificações, cultura, substância e projeto migratório.

Palavras-chave: Alteridade, Cultura, Substância, *Japoneses*, Imigração.

### **I. A passagem ritual transnacional.**

#### **Um lugar para o pertencimento simbólico.**

*Eu sei que sou brasileiro, mas aqui eu sou japonês, quando for para o Japão sei que lá sou brasileiro, não acho que é uma coisa ou outra, o que vou falar de cultura brasileira lá? Então eu vou fazer feijoada lá, coisa que nem como aqui entende, mas lá eu vou falar daqui, aqui vivo outra coisa.*

Rafael Hideyo Abe um jovem yonsei<sup>1</sup> (bisneto de japoneses) de 18 anos ainda não experienciou a viagem transoceânica para o Japão, mas já faz

---

\* Mestranda em Antropologia Social - PPGAS da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.  
Pesquisadora do Laboratório de Estudos Migratórios LEM/UFSCar.  
Bolsista CNPq.

<sup>1</sup> Há uma terminologia específica para classificar as diferentes gerações de descendentes de japoneses nascidos fora do território japonês, *issei* é a categoria para definir o imigrante japonês: a primeira geração, neste caso no Brasil, o termo *nissei* define o filho do imigrante (*issei*), é a segunda geração no Brasil, *sansei* é o neto de *issei*: terceira geração, *yonsei* é a quarta geração: bisneto de *issei*, *gossei* é a quinta geração: tataraneto de *issei*, etc.

projeções dela, assim como entende que as questões relacionadas a sua identidade aqui no Brasil enquanto *japonês* passarão por novas percepções em uma relação de alteridade com os *japoneses do Japão*. Assim como tantos outros jovens descendentes, em um contexto de Araraquara, planejam ou já vivenciaram a ida para o *Nihon* (Japão), Rafael também projeta a viagem como um processo de amadurecimento, um ritual de passagem para a vida adulta que precisa deste intercâmbio transnacional, a ser vivenciado, no entanto, de outra forma: não como um imigrante em busca de trabalho, mas como aquele que vai a terra de seus *antepassados* ou à terra dos seus avós ou bisavós.

Assim como tantos outros das várias gerações de descendentes de japoneses, Rafael cresceu no seio de sua família onde as histórias sobre a imigração japonesa para o Brasil, sobre a vida no Japão ou as saudades do *Nihon* são inúmeras vezes recontadas pelos mais velhos. No mundo da família, da casa se constrói uma consciência e subjetividade de pertencimento que eles definem como *aquela coisa forte de sentir saudade daquilo que você nunca viu*, na família então se identifica e se imprime nas elaborações das pessoas um lugar demarcado por um território físico e simbólico que é o próprio Japão sendo então a casa onde se cresce um lugar marcado por produções de multiplicidades de uma idéia de pertencimento a um lugar que nunca experienciaram diretamente, mas que de alguma forma alimenta sonhos de visitar e viver em tal terra mesmo que seja temporário. De certa forma, há um projeto de viver neste lugar que sempre se ouviu no mundo da casa, porém, as formas como esse processo ideal é vivenciado diferem de uma idéia propriamente econômica recortada pelo trabalho *dekassegui*.

Esta cruzada transoceânica é vivenciada como um ritual de passagem elaborado subjetivamente em família na consciência das pessoas e este processo não está propriamente construído sob um projeto migratório com destino ao Japão para se tornar *dekassegui*. *Dekassegui* é termo para definir aquele que migra para trabalhar, sendo no Brasil esse termo referido a brasileiros descendentes de japoneses ou a não-descendentes, cônjuges de descendentes, que migraram para o Japão na condição de trabalhadores braçais nas fábricas. Em contexto, a longa permanência de uma pessoa no Japão na condição *dekassegui* é tido como derrota de alguém que não alcança

sucesso em terra alguma, esta não-passagem pesa ainda mais para as famílias que possuam filhos na qual os parentes foram apartadas pelo trabalho, para pais ou mães que deixaram seus filhos no Brasil e não acompanharam o crescimento destes.

A imigração transnacional enquanto aprendizagem se dá como projeto ideal na vida desses jovens e de suas famílias integrantes da *Nipo*, neste sentido podemos utilizar o pensamento de Sahlins (2004) para compreender esse *entrelaçamento entre uma lógica local em relação a ordem global capitalista como um processo de confluências e englobamento das lógicas de ambas para além da passividade contextual*. Imigrar para o Japão para esses jovens nikkeis é algo para além dos objetivos envolvendo a relação de trabalho dekassegui sendo a imigração internacional na vida dessas pessoas incorporada pela lógica local e reelaborada por valores familiares como rituais de passagem e processo de constituição de pessoas. Rafael explana esse projeto, ele planeja a ida para o Japão a fim de lá estudar por meio das bolsas que são concedidas pelo governo japonês para estudantes no Brasil e, assim entrar em contato com a terra e com as histórias do Japão qual ele cresceu ouvindo no interior da casa de sua família. Para meu interlocutor, assim como para tantos outros, é sempre desaconselhável imigrar como dekassegui, uma situação de *trabalhador de fábrica* para acumular dinheiro *ainda mais neste momento de crise*, mas, se a migração implica numa condição dekassegui, como geralmente acontece, esta tem que ser vivida como uma experiência aconselhável para amadurecer, para se tornar responsável, uma passagem para a vida adulta entre jovens com idade média a partir de dezoito anos. A recomendação local é migrar para o Japão antes ou após a graduação, viver lá e voltar, é aconselhável ritualizar uma passagem para o mundo adulto notadamente em uma origem simbólica de pertencimento. Esta cruzada para o exterior envolve duas facetas: a facilidade de emigrar por possuir descendência e na ordem mais simbólica o “entrar” em contato com o lugar dos antepassados sendo, entretanto, sua própria história.

As famílias hoje (pais sanseis com idade média acima de 40 anos) geralmente possuem como ocupação profissional como empresários ligados ao comércio nos mais variados setores, ou profissionais liberais como médicos e

dentistas ou como funcionários públicos. Essa condição social e econômica atual de famílias de classe média e classe média alta, na maioria das vezes, fora traçada num projeto familiar de ascensão realizado pelos isseis e nisseis na comercialização de produtos do campo com a cidade e com o posterior deslocamento para esta última a fim de proporcionar uma carreira para os filhos via os bancos das universidades. Os filhos, netos e bisnetos destas famílias em sua maioria possuem nível superior ou estão sendo encaminhados para tal, porém, se temos neste universo pessoas com nível de instrução acima do terceiro grau, por que uma possibilidade de *dekassegui* é tão importante?

Mulheres como Ana Kano que também são mães, assim como os filhos e filhas destas, sempre me perguntaram sobre minha experiência no *Nihon*, ao informá-los que nunca estive no Japão a travessia transoceânica era sempre aconselhável como uma experiência que um descendente de japonês teria que viver para amadurecer. Para entendermos esta experiência migratória transnacional como um processo ritual é necessário buscarmos então o lugar onde este projeto é construído e a centralidade das relações sociais onde estas elaborações são formuladas e; este lugar é a casa de tais pessoas sendo na família desses descendentes o lugar onde se processa e se faz as pessoas ditas *japonesas*.

A identidade destes *japoneses* não é algo que vem à consciência somente no universo da casa ou por meio de um processo individual de classificar-se, construções como estas se dão por processos de alteridade e classificações em uma relação com os outros que envolve as noções de “iguais” e “diferentes” (Hall, 2000). Identidade e diferença são construções de um campo relacional que envolve alteridade entre o “eu” ou “nós” e os outros, nestas relações se dão classificações mediadas por formas simbólicas onde pessoas são nomeadas e definidas. Em contexto, as elaborações de alteridade ganham corpo principalmente no contato com os não-descendentes ou os *brasileiros*, notadamente essas elaborações começam a ser produzidas na infância, alçando esta memória as lembranças que surgem são de contrastes construídos em marcas corporais: os ‘olhos’ em seus traços acentuados ou “puxados” que na sociedade brasileira explana a definição dos asiáticos e de seus descendentes. Em nossa sociedade a forma de classificação mais recorrente

perpassa os traços fenotípicos, formas tão antigas de definir gentes, porém, esta forma de definição carrega consigo uma problemática que reside em sua instrumentalização com um uso político de dominação em relações que impliquem a autorização de uns por sua estereotipia a subjugar seus diferentes e “inferiores” (Oliveira, 2000). A fenotipia como traço característico de definição na sociedade brasileira ganhou maior expressão à luz da produção científica europeia em meados do século XIX com as elaborações científicas das teorias eugenistas.

A teoria eugenista reproduzida em terras brasileiras acalorou-se principalmente com o fim do sistema escravista e com os destinos da sociedade divididos entre um desejo de clareamento da população com a importação de mão-de-obra europeia, este projeto demonstrava com latência o temor do escurecimento da sociedade. Cor da pele, traços fenotípicos corporais, cabelos, cor, de olhos, de pele; são estes os componentes classificatórios que geralmente vêm à baila para definir as pessoas em pertencimentos étnicos ou culturais na sociedade brasileira, sendo geralmente sob este prisma e o recorte para classificar pessoas e grupos (Guimarães, 2005).

## **II. A identidade em contexto.**

*Ô japonês! Ô olho puxado! Eu sempre ouvia na escola que eu era japonês, que eu tinha o olho rasgado, puxado e eu me sentia diferente por isso, por que na escola não tinha mais tantos japoneses na sala entende? Então uma vez eu cheguei em casa e disse para minha mãe da escola e ela disse: Mas você é assim, aqui em casa somos assim, você tem que ter orgulho disso por que você tem que se orgulhar da nossa tradição. Rafael*

Essas experiências não se deram somente na vida de Rafael, outros informantes há relataram em campo e fora dele, esta experiência é algo mais geral na vida de um descendente de japonês que se possa imaginar, a questão dos olhos como marca da alteridade é sempre lembrada na vida escolar, momento em que, na relação com os outros as especificidades vão sendo mais

delineadas e imprimem o cotidiano como no caso de Ana, Rafael, Seiji, entre outros.

A categoria nativa *japoneses* é utilizada tanto por descendentes de japoneses quanto por não-descendentes e desta forma pode ser entendida como uma categoria mais geral na sociedade brasileira para designar os nipo-brasileiros, Woorthamann (2004). Esses descendentes condensam idéias e percepções sobre identidade que não se centram somente em uma questão de crise identitária entre ser japonês ou brasileiro, não é de definição entre uma definição ou outra. Mas são elaborações acerca de um entendimento do que é ser “japonês do Brasil” ou um “japonês brasileiro” que perpassam o universo da casa, remontam elaborações de substâncias como cálculos de sangue e alimento e definições genealógicas de pertencimento contrastando com a mestiçagem e com os não-descendentes.

Na base de definição de ser brasileiro, Schneider (2004) mostrou que há o princípio *jus solis*, ou seja, uma definição de identidade que passa pelo território de nascimento - ser nascido no Brasil, ao passo que as elaborações de brasilidade são contextuais. No caso paulista as elaborações de definição de identidade e pertencimento nacional são alçadas no princípio *jus solis*, mas com um componente específico que mescla e marca a descendência de outras nacionalidades para também definir a identidade, neste contexto encontramos as populações vindas das correntes migratórias que aportaram no estado de São Paulo há mais de um século estando entre eles principalmente: sírios, libaneses, japoneses, espanhóis e italianos. Isto posto, este quadro nos aponta especificidades diferentes de outros contextos como o do Rio de Janeiro, por exemplo, que define o ser brasileiro e sua brasilidade pela idéia de “cadinho” - no sentido que Darcy Ribeiro utilizou para explicar o processo de formação multiétnica da sociedade brasileira, ou seja, pela miscigenação e dissolução das três matrizes étnicas formadoras do Brasil: brancos, negros e indígenas.

Lesser (2001) realizou um grande estudo sobre as correntes migratórias não-europeias para o Brasil, estes fluxos migratórios envolveram sírios, libaneses, chineses e japoneses em momentos históricos diferentes. A incorporação da imigração japonesa enquanto projeto econômico produtivo paulista se deu devido a diminuição do fluxo europeu para essas terras, este

projeto se deu para resolver o problema de mão-de-obra, neste contexto incorporou-se os japoneses a produção do café e criou-se um debate círculos das elites políticas e intelectuais paulistas, este cenário dividiu-se com a presença japonesa sendo uns favoráveis ao seu estabelecimento, outros contrários a sua presença com o medo de amarelar a nação desafiando o projeto de branqueamento paulista ou ainda com o medo de enquistamento desta população na sociedade brasileira criando nichos étnicos desafiando a idéia de integração da nação pela dissolução das diferenças. Em meio a essas tensões experienciadas na vida dos imigrantes japoneses e seus descendentes, o autor aponta para a criação de uma identidade de uma população que estava se integrando a sociedade brasileira, a “identidade do hífen”, neste caso a nipo-brasileira, para definir um novo tipo de identidade que se pautava muito mais por elaborações acerca da noção de cultura e das tradições que propriamente pelo geneticismo como traço de definição<sup>2</sup>.

Nipo-brasileiros enquanto uma categoria para definir os descendentes de japoneses em contexto possui maior alcance para aquele que faz uso dela enquanto objeto de estudo, em contexto não há hífen, há *japoneses*, categoria nativa que expressa o sentido de definição de japonês do Brasil ou japonês brasileiro que entrelaça elaborações acerca de suas especificidades perpassadas pelo corpo, pelo sangue e notadamente pela idéia *valor de família*. Na base de formação dessas pessoas encontramos idéias de valores embasados na família, esta produz *ethos*, moralidades e elaborações de especificidades contrastando com o universo para fora da casa e para fora da *colônia*.

### **III. Sendo japonês.**

#### **Espírito e substância.**

Cristina embalava seu pequeno filho João Yudi com 5 semanas de vida na sala da casa de sua mãe Ana e repetia vagarosamente:

---

<sup>2</sup> Ver Lesser, (2001).

“(...) ah, mas que japonês nervoso, que japonês bravo, mas que japonês nervoso...”

Eu fora lá conhecer a mais nova pessoa da família.

Certa vez Ana me disse que seu genro já era pai de uma menina com uma *brasileira*, mostrando-me a foto da criança começou a me explicar que ele (seu genro) é *mestiço*, ou seja, filho de descendente de japonês com não-descendente, sua primeira filha então praticamente já não tinha mais traço algum: “*cabelo encaracolado, olhos grandes, muito bonita, mas já não tinha mais nada, agora com sua filha que era japonesa (sansei) a criança seria japonesa*”. Neste momento, Ana condensou idéias e percepções sobre mestiçagem e cálculos sanguíneos bastante recorrentes entre esses nikkeis, sendo que, estas elaborações perpassam idéias de quantificação de sangue e ascendência japonesa evidenciando que um corpo que é feito de tais componentes possui pertencimento e identificações entre eles.

Mais do que estar na cara: *o olho puxado, cabelo preto e nariz achatado* como Yumi me disse certa vez, falamos de construções e percepções que perpassam o corpo com olhos, cabelos, sangue, sobrenome, alimento e sociabilidade. Uma pessoa dita *japonesa*, a partir da geração nissei e infinitamente enquanto não houver miscigenação, possui ascendência japonesa materna e paterna, ela é *cem por cento japonesa (100%)* seu sangue não conta com mistura de *não-japoneses*. Essa pessoa então possui sangue, sobrenome e ascendentes japoneses, idealmente ela falaria a língua japonesa, mas isso está mais na ordem ideal de uma construção de pessoa que de fato presente na vida das gerações sanseis e yonseis destas famílias.

Porém, esta pessoa nasce em um universo de pertencimentos simbólicos que a liga a lugares quase míticos, terra antiga, às vezes, nunca mais vista por ninguém da casa que não o próprio imigrante, mas é na casa, no universo da família que esta pessoa é formada e neste processo imprime-se em sua subjetividade uma identificação que está na *cara*, na personalidade, na história familiar, em seu gosto estético, em seu sangue. Entretanto, devemos ressaltar que não significa que todos esses desdobramentos dessa elaboração sobre

uma identidade japonesa estejam todos juntos reunidos no corpo de uma pessoa, pode ocorrer maior ênfase em um dos aspectos ou condensar todos.

A identidade desses *japoneses* é formada em famílias nucleares que às vezes conta com um grupo doméstico formados por parentes de algum dos cônjuges como o pai ou mãe de um desses, irmão ou irmã. Durham (2004) expõe que a categoria “família” na sociedade brasileira é geralmente entendida como família nuclear, formada pelo casal de cônjuges e seus filhos, porém um recenseamento das famílias na sociedade brasileira aponta para modelos diversos da família nuclear, mostrando uma diversidade de grupos domésticos maiores que a família nuclear com parentes de cônjuges e agregados na mesma casa, como caso de grupos domésticos menores que a família nuclear como um casal sem filhos, sendo mais recorrente em nossa sociedade nas camadas mais pobres o caso das famílias matrifocais, basicamente aquelas que são formadas pelas mães e seus filhos e, casos de novos arranjos com a formação de novas famílias após a dissolução de casamentos anteriores, esses arranjos que envolvem novas relações entre filhos de diferentes casamentos podendo gerar um arranjo conflitivo. Em contexto, as famílias são em seu maior caso famílias nucleares e grupos domésticos contando com a presença da mãe ou pai de um dos cônjuges.

Nestas casas as pessoas são formadas por sangue, sobrenome, alimento, língua e gosto estético, o sangue é quantificado por cálculos de decomposição quando se conta com casos de mestiçagem. O *mestiço* é todo aquele filho de descendente com não-descendente, para além da categoria de *mestiço* para definir a mestiçagem contamos com uma outra idéia e mais sutil para definir a *mistura de sangue*. Este é o caso da idéia de *mistura*, porém, essas diferenças são também diferentes e menos contrastantes do ponto de vista corporal sendo a pessoa *misturada* filho entre *japoneses* e *okinawas*. Diante das construções de identidade e diferenças a definição do que é um japonês geralmente é dada por construções acerca do corpo, das substâncias e traços de personalidade. As elaborações de alteridade se encontram em quadros de formulações de idêntico e diferente que formam um sistema coerente de pensamento para tais pessoas, essas elaborações podem se desdobrar das mais variadas formas como apontou Heritier (1999).

Érica – *Mas como assim, como é um japonês?*

Rafael- *Ah, a gente sabe pela cara né, é tem um jeito (...) sabe, japonês tem um jeito.*

Érica- *Como assim, um jeito?*

Rafael- *Ah, assim de ser mais tímido sabe, mais reservado, de não ficar falando tudo, também quando a gente faz alguma coisa a gente pensa muito na família, no nome da família entendeu? Porque eu tenho um primo que ele pouco se importa com essa coisa de japonês, daí ele tem um jeito mais revoltado, eu acho que as pessoas, os jovens principalmente que estão fora da Nipo, se você for ver, eles não têm essa preocupação tanto com a família, então quando eles fazem as coisas não é pensando na família, então eu acho que tem isso entendeu.* Rafael Hideyo Abe

Nas elaborações locais o japonês tem traços, sobrenome, um *jeito* e moralidades de reserva comportamental e essa identidade ganha contornos de significação com o coletivo, definir a pessoa pela família ganha significados maiores quando se faz parte do clube nikkei da cidade. Desta forma, as elaborações ganham formas e significados quando são partilhadas pelo grupo que possui identificação entre si. A *Nipo* então não se apresenta somente como um clube qual se faz parte, mas é um espaço de sociabilidade e celebração de identidade, um lugar freqüentado por famílias que possuem uma similitude de ascendência e valores morais onde freqüentemente as diferentes gerações entre bisavós e bisnetos estão presentes.

Para os freqüentadores locais este lugar de sociabilidade constrói laços desde a infância que podem se desvencilhar no futuro ou não. Lá há similitude de *jeito* e a definição para esta categoria é sempre dada na ordem de uma idéia de moralidades sendo a reserva em contraste com a expansividade, a cautela presente na fala, a timidez, valores morais como “a honestidade, a perseverança no trabalho”, especificidades estas entendidas como qualidades que são pensadas para definir pessoas por atributos físicos e morais. Entretanto, devemos ressaltar que estas qualidades para além de ser um discurso nativo e uma percepção dos não-descendentes sobre os *japoneses* também se encontra dentro de uma construção histórica no início da imigração japonesa para cá presentes nos artigos que retratavam o desembarque dos imigrantes na época de 1908, caracterizando-os como limpos, ordeiros, trabalhadores e cordiais. A

partir destas construções podemos entender essas representações como parte de uma auto-imagem e da construção de uma imagem sobre eles dentro da sociedade receptora.<sup>3</sup>

As especificidades além de serem pensadas por qualidades morais e espirituais como o ter um *jeito* e uma identificação com os seus iguais explanada pelo “o entender a carga do que falam porque isto está no sangue também” (Mieko), entretanto, se apresentam dentro de outras lógicas como a de substâncias que estão perpassadas por cálculos de sangue com seus atributos de pertencimento e descendência.

O sangue enquanto substância de atributos não é quantificado em decomposição quando se trata de casos de pessoas não miscigenadas, os cálculos entram em ação para as situações de mestiçagem, sendo essas pessoas – *mestiças* - quantificadas como *metade-metade*.

*(...) você é assim mestiço, mas você tem metade entendeu, porque metade do seu sangue é japonês, então você tem assim metade dos valores, sabe que quando tem que fazer algo tem que fazer o melhor, o máximo que pode, porque sabe que sempre pode fazer mais entendeu, então você é mestiço, mas você tem uma parte japonesa, qual é o seu sobrenome? Mieko ao definir meu amigo Raul, mestiço e descendente de pai, durante um diálogo.*

O *mestiço* possui e carrega consigo parte dos atributos ditos *japoneses* estando entre eles: os traços corporais, descendência, uma quantificação de sangue e sobrenome sendo estes os pontos de mapeamento de sua definição dentro do grupo. A mestiçagem, em alguns casos, é pensada com o componente da diferença de gênero do ascendente, desta forma, assistimos que há clivagens que produzem mestiçagens diferentes entre ser *mestiço* de pai (filho de pai descendente) e de *mestiço* de mãe (filho de mãe descendente). Essa elaboração entre definir graus de mestiçagens por ascendência de gênero não é algo tão recorrente entre os interlocutores, mas a explicação a seguir dada a mim explana bem tal elaboração.

---

<sup>3</sup> Para mais ver Ennes, 2001.

*O mestiço de pai não conhece muito da cultura por quê? Por que o pai só sai de casa entende, ele sai para trabalhar para ganhar dinheiro, enquanto é a mãe que passa mais tempo com você, é ela que cozinha a comida, que cria, que conversa, então, o mestiço de mãe come a comida, entendeu? Minha filha é mestiça, o pai dela é mestiço (meu marido), então ela é mestiça, se ela se casar com um japonês, então, o filho dela vai ser japonês, senão não. Lúcia Keiko Tanigushi*

A visão de Lúcia, mais conhecida por Keiko, sobre as definições de mestiçagens perpassam principalmente a lógica das substâncias pelo alimento, segundo sua narrativa, ela filha de imigrantes possuiu uma defasagem quanto aprender as tradições japonesas porque sua família morava na cidade e não tinha contato com a colônia e durante sua infância e juventude era muito difícil encontrar produtos japoneses nos supermercados então ela não comeu a “comida” (grifo meu).

Para Keiko a constituição da pessoa, da identidade e da cultura perpassa a lógica da substância contida no alimento, construir a pessoa e a identidade é algo que se faz em casa e na mesa por via do alimento que ritualiza e constrói a identidade. Minha interlocutora ao definir graus de mestiçagens pela clivagem do gênero levantou uma lógica de substâncias pelo alimento tendo na *comida japonesa* o campo simbólico de pertencimento. Então, a alimentação pode tornar um *mestiço* mais *japonês* que um mestiço que não tenha se alimentado da “comida”, porém esta lógica de diferenças de mestiçagem a partir do gênero do ascendente só tem efeito na própria idéia se pensada pela divisão sexual do trabalho como Keiko ilustrou sua percepção sobre o papel da mulher. Além mais, Eduarda, uma mulher não-descendente casada com um descendente disse ter buscado incorporar a cultura do marido, ou seja, buscou aprender a cozinhar comida japonesa ao se casar com Fábio, pois era o alimento que ele comia na casa dos pais e ela decidiu aprender com as tias de seu esposo para produzir em sua própria casa. Ainda sim, é possível ainda encontrarmos casos de casais de descendentes onde é somente o homem que domina a culinária japonesa no mundo da casa como é o caso de Ito que aprendeu a cozinhar durante sua vida e agora seu filho Mateus consome a comida japonesa pela execução das mãos paternas.

O que Keiko explanou foi uma percepção sutil de diferenças de mestiçagem via gênero do ascendente, se por um lado um conta mais com o sobrenome quando seu ascendente é o pai, dado que a transmissão do sobrenome é patrilinear, em outra situação o *mestiço* de mãe será mais *japonês* por ter consumido a “comida” em casa. As mestiçagens podem ser diferentes quando pensadas sob prismas diversos como pela via da substância enquanto alimento ou pela via jurídica na transmissão do sobrenome.

Ao traçar os diálogos de Keiko e de Ana sobre mestiçagem o que vem a tona são quantificações de sangue pensadas por um cálculo limiar de diluição ou inversão de sangue. A limiaridade de diluição sanguínea reside justamente na pessoa *mestiça*, ela é *metade-metade* e a partir do casamento e da reprodução biológica esse sangue pode ser convertido novamente ao ponto de partida de um sangue *japonês*, tanto quanto, pode diluir-se ainda mais até seu desaparecimento nos casos de casamentos entre descendentes com não-descendentes. Essas lógicas locais nos levam a um quadro de compreensão de elaborações de alteridade dadas pela ordem da substância pensada pelo sangue e, não somente como um material biológico ao passo que ele subjetiva uma espiritualidade de identidade.

As quantificações sanguíneas de pessoas *japonesas* - filhos de pais descendentes, sendo este o caso de casamentos endoétnicos, não se dão por cálculos de decomposição dado que neste processo de reprodução falamos de adição de idênticos, ao passo que um cálculo limiar é acionado nas elaborações acerca da mestiçagem por lógicas de decomposição que podem ser invertidas para a classificação de pessoas *japonesas*, bem como pode tender a dissolução. O *mestiço* é aquele filho de casamentos interétnicos, essa pessoa é formada por metades, sendo metade japonesa e metade *brasileira* e, a partir de um possível casamento, reprodução e escolha de um parceiro seus descendentes serão compostos por diferentes graus de japonesidade.

### **IIIa. Limiaridade**

Mariana: *Ele é ‘um quarto’ japonês.*

Érica: *‘Um quarto japonês’, como assim?*

Mariana: *Por quê? Porque o pai dele é mestiço e a mãe é brasileira.*

Érica: Mas então, o que é importante para fazer um japonês é mais o sangue, a família?

Mariana: Olha eu não sei.

Maria: Ahhh, eu acho que é as duas coisas né.

Assistindo a uma partida de gateball na associação conheci Mariana e sua mãe Maria, e o bisneto de Maria que chamarei por Vitor. Vitor, segundo sua tia Mariana, é vinte e cinco por cento japonês, ou seja, ele tem essa quantidade de sangue japonês em si. Estava eu diante da família da criança que a definia e a classificava pertencente como “um quarto japonês” e traçando com sua ascendente mais velha e viva – sua bisavó, ele tendia a um grau de dissolução maior que o ponto de partida de uma pessoa *japonesa*. Porém, esta criança ainda sim entre a comunidade é tida como *mestiça*, pois ela está sendo criada por uma família que possui parentes *japoneses*, bem como, desde sua mais tenra idade frequenta o clube nikkei e está socializada no grupo através de sua família. A limiaridade da dissolução não depende unicamente de uma quantidade, mas também de todo um processo de sociabilidade que é construído por meio das relações entre as famílias e os parentes ali presentes.

Ana ao definir seu neto como *japonês* por ser filho de *japonesa* com *mestiço* elevou o nível de limiaridade sanguínea da criança para uma composição japonesa completa na junção do sangue da mãe em adição a metade do sangue do pai, neste calculo limiar elevou-se o nível de substância sanguínea de João Yudi, neste caso, japonês. Sendo que, para Mieko essa é a composição de um *mestiço* (é o caso de sua filha) que em sua lógica e na sua casa levará mais uma geração dependendo da escolha de cônjuges de seus filhos (a partir de uma possível escolha de japoneses) para ocorrer um retorno ao ponto de partida de uma não-mestiçagem. Mas que para Ana a inversão sanguínea em uma idéia de completude já fora realizada, sendo seu neto *japonês* e não um “quase japonês”.

Ainda podemos colocar uma terceira possibilidade de elaboração sanguínea para pensarmos a mestiçagem, sendo o caso de filhos de *mestiços*, caso não observado em contexto, mas que pela lógica local de idênticos em

metades produziria uma repetição dela mesma, sendo esta possível criança também *mestiça* como os pais ou quase japonesa.

#### **IV. Na casa, na grande casa, na mesa.**

Ricardo Alexandre Aichi de 28 anos me disse que não conhece muito a história da família, sabe que sua família fora uma das primeiras a morar na região de Araraquara, sabe também que os primeiros tempos foram muito difíceis, conviveu pouco com os avôs, o que sabe são as histórias que seu pai e sua mãe contam e conhece mais a história da família paterna porque pode conviver mais com esta, mas que se fosse para falar sobre a Nipo ele falaria porque é parte da sua história.

*A história da família não sei muito bem não, também não me interessava muito, só depois de alguns anos quando você amadurece, cresce, que você procura saber, eu fui saber por que fui para o Japão, estava fazendo faculdade e quis mudar o rumo da minha vida, eu cresci muito lá e no meio disso em ir atrás de documentos fui descobrindo e querendo saber, a história da família não sei muito bem não (...), mas eu posso falar da Nipo porque eu cresci ali entende, lá é o quintal da casa, lá eu cresci com todas as gerações é onde eu vou, é onde tenho meus amigos, meus amigos são todos japoneses, eu não convivo muito com brasileiro por causa desse meu jeito tímido então ali já ficamos todos parentes entende, é um parentesco porque crescemos juntos, estamos juntos em todas as festas, ajudamos, (...) então a gente já cresce com esse espírito de lá que é de ajuda mútua, da amizade, acho que os japoneses são unidos porque tivemos que nos unir para fazer as coisas, em casa acho que o que a gente aprende, aprende em todo o lugar, mas talvez na casa tem um pouco mais de disciplina sabe, mas acho q a educação do japonês não é tão diferente. Lá na Nipo é a minha casa é onde a gente aprende a cultura que é a comida, tem as festas japonesas, tem as festas, porque eu acho que cultura é a comida sabe, porque é dos nossos ancestrais entende, então é lá que cresci, é lá que todo mundo cresceu na colônia então para mim é isso, lá na colônia a gente aprende a cultura com as comidas com as festas entende. Então eu acho que o que nós temos é coisa trazida de gente guerreira, imagina viajar naquele navio três meses, com doença, fome, então eu acho que essa coisa*

*já foi trazida de lá entende e não criada aqui, então a gente conserva muito essa tradição eu acho que é isso.*

A *Nipo*, é um clube associativo nikkei na cidade de Araraquara, entendida como a *casa* dos que lá freqüentam sendo este local mais que um espaço de lazer, mas o é um espaço de sociabilidade entre as famílias onde se constrói as redes de relações permeadas pelas relações de amizade e parentesco.

Em contraste com a idéia de *casa* dos que lá freqüentam, temos o olhar da cidade sobre eles expressos nas falas corriqueiras sobre o clube:

“Eles são muito fechados” (Davi)

É sempre esta a fala que ouço dos moradores da cidade ao se referir sobre a *Nipo*, a própria idéia e existência de um clube etnicizado produz a interpretação de limites de acesso a tal espaço, entretanto, a idéia de fechamento não é um produto de construções sem relação com uma realidade. O próprio acesso ao clube se dá através da integração ao quadro associativo deste e, para “entrar” na *Nipo*, as pessoas precisam ser convidadas por algum sócio do clube ou por uma família, neste aspecto a Associação se difere de alguns outros clubes da cidade onde a associação se dá por um gesto mais individual de procura e adesão através do pagamento de cotas e mensalidades.

Até oito anos atrás, segundo o relato de Cristiano Ono, havia que se pagava a “jóia” para associar-se, a “jóia” era um valor em dinheiro que se pagava para a associação, atualmente permaneceu somente as mensalidades, porém o sistema de associação permanece o mesmo, ou seja, continua a se dar pelos convites de uma família de dentro da *Nipo* à uma família de “fora”, ou seja, não-sócia.

Nesta casa, para além da sociabilidade, se inventa e fabrica a cultura e é onde se dá a sua representação com as festas da *colônia* como aquelas que são realizadas somente para os associados como também as festas quais são abertas para um grande público, momento em que os não-descendentes lotam o salão e pelas fotografias que tiram uns dos outros no uso do hashi parecem estar “em contato” com algo da cultura japonesa, além mais, neste momento dá-

se um sistema de trocas e transformações do valor da moeda de troca em contato e cultura entre as pessoas da casa e seus convidados, o consumo capitalista também o é consumo cultural. É neste momento de trocas em que a esta grande casa de sociabilidade entre descendentes abrem suas portas para os visitantes e os anfitriões, por sua vez, se apresentam a eles com a idéia do que é a cultura e a tradição da *colônia*.

A cultura, então, é tida como um sistema de representação simbólica do grupo (Geertz, 1978a), da *colônia*, das famílias e pessoas, de pessoas que significam uma dita especificidade em relação aos seus diferentes por percepções corporais simbólicas, morais e pela existência de uma tradição cultural formulada numa experiência imigrante de gerações atrás. A continuidade desta cultura e *tradição* permanece através das trocas com outras *colônias* notadamente nos torneios esportivos entre as comunidades nikkeis, assim como circula nas trocas geracionais que se dão nos preparativos das festas dentro da própria comunidade sendo os eventos festivos marcados pela presença de alimentos da culinária japonesa. Diante das dinâmicas que expressam e traduzem a vida da *Nipo* temos então um processo de sociabilidade produzido pelas festas através da preparação do alimento e pelas relações sociais que são produzidas na vida destas pessoas seja em seu cotidiano ou nos eventos da comunidade que podem ser compreendidos como atualizações e eventos rituais de celebração do grupo.

Isto posto, a *Nipo* então reflete um local de sociabilidade, celebração e produção de cultura destes nipo-descendentes que vivenciam a *colônia* sendo esta uma grande casa transformada em um dos espaços na vida das famílias que lá freqüentam, lugar onde se cresce desde criança, onde se cria parentesco por casamento ou por sociabilidade “somos todos parentes” e, onde através do alimento se celebra as “festas japonesas” e a “cultura dos antepassados”. Antecedendo este grande momento, as atualizações das tradições já se dão na preparação dos alimentos que expressarão a cultura e os laços sociais em comensalidade no encontro das famílias.

Nas grandes festas - contando com a participação de sócios e não-sócios, assistimos o consumo e as atualizações da idéia de cultura para dentro e para fora na medida em que as pessoas consomem e compartilham de um

comércio cultural no consumo dos alimentos e das expressões culturais como o taiko (tambor japonês), pela música e pela dança exercendo formas de contágio da idéia de contágio cultural para os que estão ali se alimentando, assistindo as festa ou trabalhando nela.

Para dentro desta grande casa, as famílias sócias crescem, as pessoas se consubstancializam pelo alimento, pela sociabilidade e parentesco, compartilham elaborações de alteridade sobre idênticos e diferentes e gradações dessas construções, alimentam o espírito *japonês* pelas festas por via da “comida”, da música, pelas conversas e trocas geracionais entre velhos, adultos, jovens e crianças. E para fora desta casa no comércio ritual convidam os que estão os que não vivenciam ali para apresentar a grande casa freqüentada por várias famílias neste momento freqüentada por pessoas de fora e de dentro, porém neste grande encontro alguns são mais familiares que outros.

### **Conclusão.**

A alteridade em contexto nos mostra elaborações que perpassam valores familiares da casa e da grande casa que é a própria *Nipo*, as elaborações de substâncias pelo sangue e alimento, assim como atravessa corpos em suas dimensões de marcas, sobrenomes, processos rituais de amadurecimento na cruzada transoceânica para a terra ancestral. Da mesma forma, assistimos na *Nipo* explicações e construções acerca da cultura articuladas pelo alimento e pela música e, que pelas moralidades também se projeta um modelo de e para (Geertz, 1978b) a conduta ética e social.

Diante das elaborações sobre cultura e alteridade em contexto assistimos construções de uma pessoa em contrastes e identidades em processos relacionais de como se vêem, se pensam e constroem uma dita identidade e uma cultura *japonesa* no Brasil. Esses olhares e percepções todas nos mostram que as especificidades não são coisas dadas em si, mas são contingências e processos que se atualizam constantemente na mesa da grande casa.

## Bibliografia

- DURHAN, E. R. *A Dinâmica da Cultura*. São Paulo. Ed. Cosac Naify, 2004.
- ENNES, M. A., *A construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo*. São Paulo. Ed. UNESP, 2001.
- GEERTZ, C.. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 1978.
- GUIMARÃES, A. S. A.. *Racismo e Anti Racismo no Brasil*. São Paulo. Ed. 34, 2005.
- HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro. Ed. DP&A, 2000.
- HERITIER, F. *Two Sisters and Their Mother: the anthropology of incest*. New York, Zone Books, 1999.
- LESSER, J. *A negociação da identidade nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo. Ed. UNESP, 2001.
- KAWAMURA, L. *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*. Campinas. Ed. da Unicamp, 2003.
- OLIVEIRA, R.C. *Os (Des)caminhos da Identidade*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, Fevereiro, Vol.15, n. 42, pág. 07-21, 2000.
- SAHLINS, M. *Cosmologias do Capitalismo*. In: Cultura na Prática. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 2004.
- SCHNEIDER, J. *Discursos Simbólicos e Símbolos Discursivos: Considerações Sobre a Etnografia da Identidade Nacional*. In: MANA, 10 (1): 97-129, 2004.
- WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, T. T. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis. Ed. Vozes, 2004.

### **The culture in movement and the local constructions. Japanese immigrants and their descents.**

#### **Abstract**

This article aims to explain the local ideas of alterity built through identity perception, difference and hybridism among Japanese Brazilian in Araraquara. Through the ethnography and collected data in a nikkei community we tried to explore and analyze the local perception of the Japanese Brazilian identity based on elaborations of identification, culture, substance and migration project.